

## RESENHA

**A EDUCAÇÃO ESCOLAR IMPERIAL MODELADA  
PELA MEDICINA HIGIENISTA**

*A educação escolar imperial modelada pela medicina higienista*

Antoniette Camargo de Oliveira\*  
Wenceslau Gonçalves Neto\*\*

---

GONDRA, José Gonçalves. *Artes de Civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 562p.

---

Trata-se de um livro de leitura extremamente prazerosa, além de enriquecedora pelas informações reunidas na interpretação do autor, bem como por sua amarração com as perspectivas de outros igualmente importantes. Contendo quatro capítulos, trata basicamente do processo pelo qual o país passou — entre os anos de 1822 e 1889 — na busca pela afirmação, institucionalização, popularização e legitimação do saber médico, referendado na razão e ciência, em detrimento de outras “artes de curar” por exploradores da boa fé. Apontando para mudanças estruturais que se exigiam em vários espaços sociais, Gondra nos proporciona um olhar médico-higiênico especialmente sobre o âmbito cultural/educacional do século XIX no Rio de Janeiro.

A partir da análise principalmente de uma série de *Teses* produzidas pelos aspirantes ao cargo de doutor, Gondra colabora para desvelar as representações quanto a diversos aspectos, inclusive alguns relacionados à sua própria formação. Tais médicos, buscando afirmar sua área de atuação como específica, estabelecem pelo menos três dispositivos complementares: a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – FMRJ, a Academia Imperial de Medicina – AIM e sua própria produção escrita (teses, livros, artigos, literatura, entre outros). Sendo assim, fica evidente que não alcançavam apenas seus pares, mas acabaram enredando a sociedade com os conhecimentos que queriam disseminar. Gondra é taxativo em demonstrar a eficiência dessas instituições e demais subterfúgios no sentido de apontar para uma nova sociedade, cujo processo de “cura” e/ou salvação, não mais deveria estar baseado no charlatanismo. Nessa empreitada, a instituição que recebeu maior destaque no livro ora resenhado foi a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não apenas como um templo de formação, mas também devido a regulamentos e dispositivos que engendrou no sentido de controlar e monopolizar, desde os processos de seleção de docentes (por exemplo) e organização (curricular, no caso), até a fiscalização dos médicos e de sua “arte de curar”. Tratava-se, portanto, de uma racionalidade médica composta por sujeitos: professores de um lado e

---

\* Universidade Federal de Uberlândia. Contato: antoniette@bol.com.br.

\*\* Universidade Federal de Uberlândia. Contato: wenceslau@ufu.br.

alunos ou “discípulos” de outro. Assim, o autor aponta para um processo de complexificação e especialização do saber médico como um saber para poucos. A verificada exigência do pagamento de taxas (por parte dos alunos) é reveladora de que tal seleção se dava, dentre outros, em termos de estratificação sócio-econômica.

Finalmente, o autor dispõe a escola como lugar de cura para uma sociedade marcada pela incivilidade, desordem, feitiçaria, curandeirismo e desrazão. E propõe, a partir dessa afirmativa, debater a tese de que a invenção da educação escolar se deu e foi apropriada, no Brasil, a partir de uma matriz e ordem médicas. “A Corte degenerada”, título do segundo capítulo, traz a síntese de praticamente todos os problemas percebidos no Rio de Janeiro em grande parte do século XIX, — seja a partir das visões de viajantes, preceptores(as) estrangeiros(as) e outros, seja a partir das próprias *Teses* sobre as quais o autor se debruça. Na medida em que Gondra vai apontando para a situação caótica da cidade sede do governo Imperial no Brasil, vai também costurando as diversas maneiras inventadas pela área médica, na sua busca por “civilizar”, curar e regenerar a sociedade/cidade então doente e “degenerada”. É neste ponto que vai ficando mais evidente para os leitores a lógica proposta no título do livro: tornar coerentes os interesses da medicina, ligados principalmente à necessidade de higiene, através, em boa medida, da educação escolar, espaço percebido pelo saber médico como de suma importância para alcançar seus objetivos. Na Corte Imperial, como o próprio autor observa, a ampliação que se deu no leque de interesses da medicina, “pode ser interpretada como um movimento de invenção da dimensão médico-sanitária dos problemas sociais” que, por sua vez, colaborou para popularizar e legitimar o saber médico.

Dando continuidade à tentativa de mostrar como se deu a constituição da medicina como “campo disciplinar autônomo”, o autor revela aos seus leitores de que maneira se deu o domínio e irradiação desta área do saber por todas as diversas instituições urbanas, tais como: bordéis, fábricas, hospitais, cemitérios, quartéis, prisões e principalmente escolas. Instituições essas que foram descritas pelo saber médico como carentes, insuficientes, atrasadas e produtoras de doenças, justificando sua intervenção médica. Para a manutenção da ordem burguesa, o “saber-poder” no qual se deveria acreditar esquadriharia os espaços, buscando a produção de um homem novo e de um novo lugar (cidade) tornados, ambos, saudáveis (higienizados). O que se queria era fazer crer que “o triunfo da sociedade carioca (e brasileira, por extensão) estava diretamente subordinado ao triunfo da medicina”. Nessa direção é que o autor sistematiza e examina minuciosamente as *Teses* defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – FMRJ. Sua análise é significativa, pois compreende desde as informações visíveis nas capas e epígrafes, passando até pela maneira como os candidatos justificavam suas “escolhas” pelas temáticas trabalhadas, suas limitações pessoais e outros. Dentre várias das reflexões feitas por Gondra, uma diz respeito à semelhança, por exemplo, do formato e temas das dissertações apresentadas aqui e na França em períodos próximos.

No capítulo três evidencia-se e se justifica, a cada página, a relação percebida pelo autor (através das fontes) entre o necessário processo de escolarização e o necessário processo de higienização da sociedade brasileira. Mais do que isso, o que Gondra compreende e nos desvela, é que tal “cumplicidade” entre essas duas áreas foi, à época,

uma bandeira empunhada pelos médicos. Para “medicalizar” a sociedade, o caminho pautava-se pela “medicalização da educação escolar”. Nessa empreitada, José Gondra toma como referência um modelo proposto por dois higienistas franceses: Michel Levy e Becquerel. Mesmo modelo médico-higienista que é referido de forma explícita, em pelo menos três das *Teses* médicas (as de caráter social) sustentadas na FMRJ. Tal modelo abrange basicamente seis “modificadores”: de *Circumfusa* (que pautava-se por estabelecer quais seriam os lugares mais adequados para se construir escolas); dos *Applicata* (que se referia ao problema do vestuário e da higiene pessoal nos sentidos físico e moral); dos *Ingesta* (que tinha a ver com o debate acerca da alimentação nos colégios); dos *Gesta* (que pautava-se pelo exercício e robustecimento do corpo), que Gondra trabalha mais detalhadamente no quarto capítulo; dos *Excreta* (que tratava da eliminação dos resíduos corporais); e dos *Percepta* (que pautava-se por moldar higienicamente os vários sentidos: visão, audição, tato, paladar, olfato). Sendo que ambos receberam pelo autor, cada um sucessivamente, tratamento analítico e minucioso, sendo exemplares do que se queria modificar, além das diversas concepções e ideais de civilização, visivelmente baseados num modelo francês. E as palavras-chave que condicionavam toda essa “conformação”, levada ao cabo pela educação escolar, continuavam sendo a moderação e o equilíbrio.

No quarto e último capítulo Gondra trata de vários aspectos eleitos pelos médicos dos anos oitocentos, no seu sonho de promoverem uma educação que integrasse o físico, o moral e o intelectual, sobre uma base higienista. Aqui fica ainda melhor evidenciada a opção teórico-metodológica do autor — ao trabalhar principalmente as questões relativas a uma educação física escolar, as perspectivas foucaultianas ganham destaque. O autor separa e analisa, inicialmente as *Teses* que trataram das instituições escolares e, posteriormente, as que trataram da “formação da mocidade”; *Teses* estas que foram defendidas na FMRJ no decorrer de 34 anos, entre 1854 e 1888. Em suas análises, o autor apreende o padrão discursivo dos médicos em suas respectivas *Teses* as quais eram marcadamente autoritárias (seja pela erudição, seja pelos conhecimentos que buscavam nos arquivos da história) e ao mesmo tempo estigmatizadas pela modéstia e humildade dos seus respectivos autores. Expressavam-se também pela relevância que o “ponto” estudado supostamente tinha para a sociedade e pela tentativa de situar o conhecimento médico-higiênico no topo da hierarquia das demais ciências. Outra percepção do autor tem a ver com as discordâncias que existiam entre os médicos a respeito de como deveria se dar uma educação escolar sob a tríade dos aspectos pedagógicos antes referidos (morais, intelectuais e físicos); além do tom de denúncia e crítica percebido em alguns dos trabalhos. Inicia-se então, no livro, um adensamento dos pontos em torno das “moléstias”, “sintomas” e respectivos “remédios”, fossem eles preventivos e/ou curativos, situados pelos médicos, cujos objetivos, lembrando, giravam em torno da construção de um novo homem via escolarização. Como os próprios termos utilizados indicam, a higiene como ciência médica deveria ser a base em que todas as outras ciências se apoiariam na busca por uma educação integral.

De forma igualmente perspicaz, José Gondra identifica uma “referência” apropriada das mais diversas maneiras por alguns médicos para a escrita de suas *Teses*. Tratava-se do relatório de um professor da Faculdade de Paris e secretário do Comitê

de Trabalhos Históricos e das Sociedades Científicas, o francês Celéstin Hippeau; defensor, à época, do modelo escolar em vigor nos EUA (e não na França). Posteriormente transformado em livro, tal relatório é publicado na imprensa brasileira, e obviamente focado como uma espécie de guia para “alavancar o Brasil ao nível do seu tempo e de incluí-lo no concerto das nações modernas e civilizadas” (p. 256). Este relatório tratava desde a necessidade de maiores investimentos no setor educacional, até a necessária igualdade de acesso à mesma pelos diversos grupos sociais, visando, como fim último, uma sociedade mais justa. Idéias estas contrárias ao modelo político em voga no Brasil à época que, longe de ser liberal e democrático, era centralizador.

Ao tratar do “corpo educado”, Gondra aponta para as principais representações ou concepções sobre a Educação Física ao longo da história; lembrando que em ambas são notáveis as marcas próprias das ações médicas: disciplinar, higienizar, medicalizar, psicologizar, biologizar, regenerar, fortalecer, individualizar. Quanto à medicina dos anos oitocentos, o autor nos alerta para o fato de o *corpo* não ser visto de forma isolada, sendo acompanhado pelas dimensões moral e intelectual. Ainda conforme Gondra, a prevenção, a correção e a cura constituíram a “base dos argumentos que buscavam criar e impor uma disciplina para a intervenção no corpo” (p. 304). Necessidades estas que estavam postas em todas as *Teses*, diferindo-se entre si apenas quanto à forma como isto se daria na prática.

Após procurar entender a quem supostamente o corpo pertencia, como e por quem deveria ser feito qualquer tipo de intervenção visando gestar o homem e, por conseguinte, a humanidade do futuro, Gondra indica de que maneira os médicos adentraram, no século XIX, o espaço escolar. O diagnóstico; os objetivos da educação do corpo; o lugar de educar; os agentes da educação física (ginastas, professores/diretores e alunos); o modo de educar; as atividades e os princípios que deveriam reger tais atividades — tudo foi analisado de forma sagaz pelo autor do livro. Mas fica a dúvida: o saber médico teria conseguido realizar o sonho de entalhar no corpo do indivíduo, as marcas de um povo higienizado e civilizado?

No derradeiro subitem, “A ginástica das vontades”, Gondra aborda a questão da moral, cujo programa de formação ou reforma proposto pelos médicos da FMRJ, deveria ser realizado nas escolas e pelas escolas. Tal programa desdobrava-se em 5 pontos essenciais: as paixões; a associação entre moral e religião; a associação entre moral e sexualidade (onanismo, prostituição, celibato, pederastia/homossexualismo); moral e práticas escolares e ainda o controle disciplinar (castigos físicos, morais e estratégias de premiação). Feitas suas análises das *Teses* — das quais se apodera não apenas como simples fontes de pesquisa — o autor conclui que ambos os médicos que as defenderam representavam a higiene enquanto uma arte, no caso uma “arte de civilizar”. No final das contas, fazer o homem e a sociedade novos, originais, a partir de uma representação negativa do antigo, do velho, do que se queria demolir, não poderia mesmo ser obra de qualquer artista.

Recebido em abril de 2008

Aprovado em junho de 2008